



N.º 15 | Dezembro 2007

[<http://www.almadan.publ.pt>]

[migrado de <http://almadan.cidadevirtual.pt>]

I Sumário

II Editorial | Jorge Raposo

Arqueologia

- III **Entre as Grutas e os Monumentos Megalíticos:** problemáticas e interrogações na Pré-História recente do Alto Ribatejo
Alexandra Figueiredo
- IV 25 Anos de Investigação Arqueológica em Portugal (1982-2007).
A Pré-História Holocénica: referências bibliográficas
Carlos Tavares da Silva
- V **Intervenção Arqueológica no Casal do Rebolo (Sintra):** da diversidade das estruturas à larga diacronia de ocupação
Alexandre Gonçalves e Catarina Coelho
- VI **Citânia de Briteiros:** trabalhos arqueológicos recentes (2007)
Francisco Sande Lemos e Gonçalo Cruz
- VII **Vila de Castelo de Vide:** um *habitat* proto-histórico
João F. A. Magusto
- VIII **Casa dos Bicos 25 Anos Depois:** marcas de oleiro em *terra sigillata*
Eurico de Sepúlveda e Clementino Amaro
- IX Ocupação Romana no **Beco do Marquês de Angeja, Alfama:** evidências de estruturas termais junto da porta Nascente de *Olisipo*
Victor Filipe e Marco Calado
- X **Capela de São Pedro da Capinha (Fundão):** primeira intervenção
Elisa Albuquerque e Constança Guimarães dos Santos
- XI Evidências de Ocupação Romana no **Morro do Castelo de Alverca do Ribatejo** (Vila Franca de Xira)
João Pimenta e Henrique Mendes
- XII **A Torre Medieval de Santa Catarina de Sítimos:** elementos para o estudo do sistema defensivo de Alcácer do Sal em contexto almóada
António Rafael Carvalho
- XIII **Tomar Islâmica do *Gharb al-Andalus*:** a alcáçova e arredores
Salette da Ponte
- XIV **Paleodemografia e Patologia Oral** na população exumada da Igreja de Santiago Maior de Monsaraz
Patrícia Peralta e Ana Luísa Santos
- XV **Notícias: actividade arqueológica**

al-madan IIª Série, n.º 15, Dezembro 2007

al-madan online / adenda electrónica

Propriedade

Centro de Arqueologia de Almada
Apartado 603 EC Pragal
2801-601 Almada PORTUGAL
Tel. / Fax 212 766 975

E-mail secretariado@caa.org.pt

Registo de imprensa 108998

[Http://www.almadan.publ.pt](http://www.almadan.publ.pt)

ISSN 0871-066X Depósito Legal 92457/95

Director Jorge Raposo (director.almadan@clix.pt)

Conselho Científico Amílcar Guerra, António Nabais,
Luís Raposo, Carlos Marques da Silva e Carlos Tavares da Silva

Redacção Rui Eduardo Botas, Ana Luísa Duarte,
Elisabete Gonçalves e Francisco Silva

Colunistas Mário Varela Gomes, Amílcar Guerra, Victor Mestre,
Luís Raposo, António Manuel Silva e Carlos Marques da Silva

Colaboram na edição em papel Ass. Prof. de Arqueólogos,
M.ª Fátima Abraços, Mila S. Abreu, Elisa Albuquerque, M.ª José
Almeida, Miguel Almeida, Sara Almeida, Pedro Barros, Filipa Bragança,
Sandra Brazuna, Jacinta Bugalhão, Guilherme Cardoso, António Rafael
Carvalho, Pedro S. Carvalho, António Chéney, Manuela Coelho, José
Correia, Miguel Correia, António Costa, Eugénia Cunha, Manuela de
Deus, Adriaan De Man, Ana L. Duarte, Lídia Fernandes, Isabel C.
Fernandes, Ângela Ferreira, M.ª Teresa Ferreira, Nádía Figueira,
Alexandra Figueiredo, Iola Filipe, Tiago Fontes, Ana S. Gomes, Mário
V. Gomes, António Gonzalez, Amílcar Guerra, Constança Guimarães,
M.ª João Jacinto, Vitor O. Jorge, M.ª Jesus Kremer, F. Sande Lemos,
João Lizardo, Virgílio Lopes, Sandra Lourenço, António Martins,
Samuel Melro, Henrique Mendes, Victor Mestre, Paulo A. Monteiro,
Rui Morais, João Muralha, António Nabais, Filipa Neto, Nuno Neto,
M.ª João Neves, Luiz Oosterbeek, Rui Parreira, Luís Pereira, Teresa
R. Pereira, João Perpétuo, Miguel Pessoa, João Pimenta, Marina
Pinto, Museu da Cidade de Lisboa, Paulo O. Ramos, João Raposo,
Jorge Raposo, Luís Raposo, Paulo Rebelo, Jorge Davide Sampaio,
Severino Rodrigues, Helena Rua, Anabela P. de Sá, Raquel Santos,
Suzana P. Santos, Ana Raquel Silva, António Carlos Silva, António
Manuel Silva, Carlos Tavares da Silva, Filipa Cortesão Silva, António
Monge Soares, Ana Margarida Vale, António C. Valera, Gonçalo L.
Velho, Alexandra Vieira e Gertrudes Zambujo

Colaboram na Adenda Electrónica Elisa Albuquerque, Miguel
Almeida, Clementino Amaro, Teresa M. Barbosa, Lília Basílio, Marco
Calado, António Carvalho, António R. Carvalho, Tânia M. Casimiro,
Catarina Coelho, Mónica Corga, Rui Couto, Gonçalo Cruz, M.ª Teresa
Ferreira, Alexandra Figueiredo, Victor Filipe, Jorge Freire, Susana
Gómez, Alexandre Gonçalves, Filipe Gonçalves, Francisco Sande Lemos,
Virgílio Lopes, João Magusto, Rodolfo Manaia, Paulo A. Monteiro,
Henrique Mendes, M.ª João Neves, Susana Nunes, M.ª F. Palma, Patrícia
Peralta, João Pimenta, M.ª João Pina, Salette da Ponte, Lígia Rafael, Sara
Ramos, Ana Luísa Santos, Ana Rita Santos, Constança G. dos Santos,
Eurico Sepúlveda, Telmo Silva, Carlos T. Silva e Andreia Torres.

Publicidade Elisabete Gonçalves

Apoio administrativo Palmira Lourenço

Resumos Jorge Raposo (português), Luisa Pinho (inglês)
e Maria Isabel dos Santos (francês)

Modelo gráfico Vera Almeida e Jorge Raposo

Paginação electrónica Jorge Raposo

Tratamento de imagem Jorge Raposo, com Cézer Santos

Ilustração Jorge Raposo

Revisão Maria Graziela Duarte, Fernanda Lourenço

Pré-impressão GC Design Ldª

Impressão Printer Portuguesa

Distribuição CAA | <http://www.almadan.publ.pt>

Tiragem da edição em papel 1500 exemplares

Periodicidade Anual

Apoios Câmara Municipal de Almada e Câmara Municipal do Seixal

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR



Capa Luís Duarte de Barros e Jorge Raposo

Composição gráfica sobre fotografia de escavação
arqueológica na olaria romana do Porto dos Cacos.
(Alcochete, 1990).

Fotografia © Jorge Raposo/Centro de Arqueologia de Almada

Com esta edição, *Al-Madan* completa 25 anos de existência, quinze dos quais na presente série, a segunda, iniciada em 1992. É um longo percurso, durante o qual o projecto evoluiu, cresceu e ganhou projecção nacional, ao mesmo tempo que muita coisa mudava nas áreas temáticas a que se dedica, nomeadamente no que à Arqueologia respeita – a disciplina ganhou estatuto de formação académica e de ocupação profissional; o seu “objecto” de aplicação diversificou-se e alargou-se a novas temáticas e “terrenos”; as metodologias complexificaram-se e enriqueceram-se no contacto com outras áreas de saber; as instituições de tutela substituíram-se umas às outras, ao sabor de diferentes orientações estratégicas (ou da falta delas!); a iniciativa privada ocupou gradualmente espaços antes assegurados pela administração pública ou abertos pelo forte crescimento da procura impulsionado por novos enquadramentos legislativos; os profissionais deram os primeiros passos no sentido da sua organização e auto-regulação; etc.

Boa parte desta transformação, radical sob muitos pontos de vista, está reflectida nas páginas dos volumes de *Al-Madan* publicados ao longo dos anos, a ponto da própria revista poder ser encarada como um dos protagonistas e agentes dessa transformação. Reflectir sobre o seu próprio percurso e sobre a história recente da Arqueologia portuguesa é, pois, o tema central desta edição, na sua versão impressa.

Para tal recorreu-se ao discurso directo e informado de diversos outros protagonistas, que partilham com os leitores experiências pessoais e sínteses do que de mais relevante ocorreu nesse período, nos planos institucional, social, organizativo e associativo, mas também da relação com outras ciências e da produção de conhecimento em várias temáticas específicas, da Pré-História aos períodos medieval e pós-medieval, à museologia e à Arqueologia industrial.

O dossiê impresso neste número inclui também um contributo para a cronologia sistemática da Arqueologia portuguesa do último quarto de século, a qual foi também colocada no sítio Internet da *Al-Madan Online*, onde está aberta à actualização e incorporação de colaborações que a enriqueçam e permitam corrigir erros e omissões.

Assim, consolidando a experiência positiva de anos anteriores, esta revista continua a ser produzida simultaneamente em papel e em formato digital, pelo que, quando se puderam ler as páginas do volume impresso, também se colocou acessível mais uma *Al-Madan Online - Adenda Electrónica*, disponibilizada na Internet para difusão alargada de outros conteúdos originais, em formato PDF (<http://www.almadan.publ.pt>).

No seu conjunto, os leitores encontrarão certamente muitos e bons motivos de interesse sobre o passado recente e o presente da Arqueologia portuguesa, e matéria para uma reflexão informada quanto ao seu futuro próximo.

Jorge Raposo

Paleodemografia e Patologia Oral

na população exumada da Igreja de Santiago Maior de Monsaraz

Patrícia Peralta e Ana Luísa Santos

Centro de Investigação em Antropologia e Saúde, Departamento de Antropologia, Universidade de Coimbra (patricia_peralta@iol.pt; alsantos@antrop.uc.pt).

Introdução

A Antropologia Física, desde finais da década de 1970, alicerça-se em três áreas fundamentais de pesquisa, “o mundo dos mortos”, na qual recorre à Antropologia de campo e à Tafonomia, “o mundo dos vivos”, onde aplica ensinamentos da Demografia e da Patologia, e “a evolução e a história do povoamento”, vertente de imprescindível cooperação entre arqueólogos e antropólogos (CRUBÉZY 1992 in CUNHA 1996). É da conjugação destes campos que se vislumbra a história da vida das populações do passado.

Como afirma CURATE (2005: 4), “os antropólogos não revolvem o passado e os seus despojos por anódina nostalgia ou patológica necrofilia, mas porque sabem que alguns aspectos pretéritos podem ser recuperados das furtivas reminiscências que os ossos em si acumulam”. Nesse sentido, as amostras de esqueletos humanos recuperados de cemitérios ou de sepulcros históricos ou pré-históricos constituem uma fonte única de informação sobre essas populações (CARDOSO 2003-2004).

Em vida o esqueleto é influenciado por uma grande variedade de factores ambientais e genéticos. Os dentes e os ossos transmitem pois sinais físicos relativos à alimentação, às doenças, ao stress fisiológico e/ou ocupacional dos indivíduos. Nas palavras de LARSEN (2000: 3), “o esqueleto é a voz do passado”.

Após a morte, diversos factores, como a deposição diferencial, a preservação e a recuperação dos restos esqueléticos, conspiram para que as amostras osteológicas sejam incompletas e não representativas da população geral (CHAMBERLAIN 2000). As-

pectos socioculturais associadas à idade, ao sexo, ao estatuto social ou à religião do indivíduo, por intermédio de diferentes práticas funerárias, podem distorcer a amostra (HOPPA 1996). Apesar destas limitações, inerentes ao estudo dos restos osteológicos, pouco mais resta do homem, da mulher e da criança em análise. Pelo que é importante procurar obter o máximo de informação a partir dos seus vestígios (BROTHWELL 1981).

A Igreja de Santiago Maior

Da história da Igreja de Santiago Maior de Monsaraz, distrito de Évora, sabe-se que já existia na segunda metade do século XIII, nos períodos governativos de D. Afonso III e de D. Dinis (ESPANCA 1978). Segundo o mesmo autor, esta foi inicialmente benesse da Ordem de Santiago de Espada, transitando para a Ordem de Cristo no ano de 1754.

O primitivo edifício medieval terá desaparecido em consequência das sucessivas obras de ampliação e de recuperação a que foi sujeito no século XVIII (ESPANCA 1978). Segundo NEVES (1998: 57), “pessoas fidedignas dizem-me que viram em papéis que Santiago fora a Matriz”. A sua importância é comprovada pela localização destacada que o edifício tem no aglomerado da vila, situado em adro elevado, com acesso por escadaria (CÂMARA Municipal... 2006).

A Igreja, extinta por decreto metropolitano de 4-2-1849, conservou culto religioso até 1853 (ESPANCA 1978), facto comprovado pela existência, no Ar-

r e s u m o

Estudo antropológico de oito ossários provenientes da Igreja de Santiago Maior de Monsaraz (Reguengos de Monsaraz, Évora) e integração dos resultados com estudos anteriores, que incidiram sobre a restante população exumada nos trabalhos arqueológicos realizados no local (271 indivíduos, 161 dos quais jovens). A continuação deste estudo e o seu complemento com a pesquisa de arquivo poderão completar o perfil biológico e social dos habitantes da vila.

p a l a v r a s c h a v e

Antropologia; Antropologia funerária; Paleodemografia; Idade Média; Idade Moderna; Necrópole.

a b s t r a c t

Anthropologic study of eight ossuaries from the Santiago Maior church in Monsaraz (Reguengos de Monsaraz, Évora) and integration of the results within previous studies of the remaining population exhumed during excavation works at the site (271 individuals, 161 of whom young). Continuation of this study, complemented by archive research, will undoubtedly complete the biological and social profile of the inhabitants.

k e y w o r d s

Anthropology; Funerary Anthropology; Paleodemography; Middle ages; Modern age; Necropolis.

r é s u m é

Etude anthropologique de huit ossuaires provenant de l'Eglise de Santiago Maior de Monsaraz (Reguengos de Monsaraz, Évora) et intégration des résultats dans des études antérieures qui portaient sur la population restante exhumée dans les travaux archéologiques réalisés dans le local (271 individus dont 161 jeunes). La continuation de cette étude et son complément avec la recherche d'archives pourront compléter le profil biologique et social des habitants du village.

m o t s c l é s

Anthropologie; Anthropologie funéraire; Paléodémographie; Moyen Âge; Période moderne; Nécropole.

quivo Distrital de Évora, dos livros de registo paroquial de baptizados, casamentos e óbitos da Igreja de Santiago, dos anos de 1614 a 1853 (GONÇALVES 2004).

Desassistida durante décadas, em 1919 deu-se o desabamento das abóbadas e a consequente profanação, tendo o recheio sido entregue “*pelo Ministério da Justiça e dos Cultos, à Comissão Central da Execução da lei da Separação das Igrejas do Estado*” (ESPANCA 1978: 375). Manteve-se em estado de ruína, servindo de lixeira pública, até ser adquirida, em 1987, pela Câmara Municipal de Reguengos de Monsaraz (CÂMARA Municipal... 2006). É então que a edibilidade a recupera, através de um projecto de Conservação do Património Cultural em conjunto com o Centro de Emprego e Formação Profissional, funcionando actualmente como um espaço de realização de conferências, exposições temporárias, concertos e espectáculos (CÂMARA Municipal... 2006). As imagens da fachada e do interior do templo, após a recuperação, foram publicadas na revista *Al-Madan* por GONÇALVES e SANTOS (2005: 72), por cedência da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais.

A escavação

Corria o ano de 1987. Durante as obras de recuperação da Igreja de Santiago Maior irromperam do solo restos humanos, pelo que foi contactado o Serviço Regional de Arqueologia do Sul (IPPC) e iniciada uma escavação antropológica de emergência a cargo de Teresa Matos Fernandes (SANTOS 1990a; b).

O início dos trabalhos está descrito no relatório preliminar de campo realizado por CATARINO (1987), cuja síntese da metodologia aplicada foi publicada em GONÇALVES e SANTOS (2005).

Nele é mencionado que poucos anos antes da intervenção, haviam sido levantadas as lajes que pavimentavam a Igreja, removidas as terras e recolhidas várias ossadas que foram transportadas para o cemitério actual da Vila (CATARINO 1987).

Ainda segundo este relatório, a Igreja terá sido usada “*como lixeira acumulando entulhos variados e servindo para enterrar animais mortos*” (CATARINO 1987: 1). Consequentemente, a identificação das sepulturas ficou impossibilitada, encontrando-se os restos ósseos mais superficiais sem conexão anatómica.

Com o objectivo de se proceder ao estudo laboratorial, em 1989 os restos humanos foram transportados para o Departamento de Antropologia (GON-

ÇALVES e SANTOS 2005). Destes, 17 enterramentos foram imediatamente estudados (SANTOS 1990a; b), permanecendo os restantes acondicionados até 2003, data em que voltaram a ser alvo de investigação por DOMINGOS (2004) e GONÇALVES (2004).

Estas autoras começaram por inventariar o espólio, tendo constatado, pela leitura das fichas de campo, algumas omissões. Parte do material exumado em 1987 não fora levado para o Departamento de Antropologia. As buscas revelaram um lote no Museu Monográfico de Conímbriga, subsequentemente entregue para estudo, enquanto o restante continua por localizar.

Quanto à informação de campo, ela é praticamente inexistente. As fotografias e a maioria dos desenhos realizados durante a escavação estão incógnitos. Dos poucos esboços que acompanham o material apenas se conseguiu estabelecer uma correspondência, ainda que ténue, com os indivíduos em articulação; o mesmo foi impossível no que toca aos ossários.

Mais recentemente, PERALTA (2007) continuou o estudo do espólio recuperado da Igreja de Santiago Maior, do qual se extraiu o presente artigo.

Objectivos

Neste trabalho realiza-se uma análise paleodemográfica e da patologia oral duma amostra proveniente da Igreja de Santiago Maior. Outro desiderato consiste na apresentação do espólio arqueológico resgatado com os restos ósseos humanos.

Através da compilação dos resultados obtidos por DOMINGOS (2004), GONÇALVES (2004) e PERALTA (2007), pretende-se prosperar o conhecimento adquirido sobre a população exumada desta Igreja.

Material

O material osteológico objecto de análise no presente artigo constitui parte do espólio recuperado da Igreja de Santiago Maior de Monsaraz, em 1987.

A amostra compreende os ossários das sondagens 2 a 4 e 6 a 9, e um pequeno número de peças, igualmente avulsas, da sondagem 5, que não foi estudado por DOMINGOS (2004). Juntamente com os restos ósseos humanos foram recuperados espólio arqueológico e ossos de fauna.

O material encontrava-se armazenado em caixas de cartão, identificadas com o local de proveniência, e acondicionados em sacos de plástico. Cada saco continha uma ficha produzida no campo, com informações sobre a proveniência, o número da sondagem, as coordenadas, o plano, a data da exumação e, nalguns casos, um esboço do posicionamento dos ossos no terreno.

Metodologia

A marcação do material ósseo e dentário permite associar a informação contida nas fichas de campo a cada peça. Assim, seguindo a nomenclatura adoptada por GONÇALVES (2004) e DOMINGOS (2004), o espólio foi identificado.

A análise paleodemográfica de um ossário compreende a determinação do número mínimo de indivíduos (HERRMANN *et al.* 1990). Apesar deste método ter sido desenvolvido para fragmentos ósseos de indivíduos adultos, foi adaptado igualmente aos fragmentos de jovens, atendendo para tal ao seu estado de desenvolvimento.

O surgimento das assimetrias sexuais reflecte diferenças fisiológicas entre homens e mulheres, logo o dimorfismo sexual no esqueleto de juvenis é subtil (MAYS e COX 2000; SCHEUER e BLACK 2000). Por este motivo, a diagnose só será realizada em indivíduos adultos. Nos crânios ¹ e no osso coxal foi efectuada por análise morfológica, descrita por FERREMBACH *et al.* (1980), e complementada na bacia com as propostas de BRUZEK (2002). Nos ossos longos (Tabela 1) aplicaram-se os valores colhidos por WASTERLAIN (2000) e para a determinação do sexo dos indivíduos pelas dimensões de ossos do pé, para além desta autora, foram igualmente utilizados os pontos de cisão obtidos por SILVA (1995). Tanto para os ossos longos, como para o astrágalo e o calcâneo, foram empregues as medidas com maior correlação.

A estimativa da idade à morte é essencial tanto em paleodemografia como em estudos forenses (IGARASHI *et al.* 2005). No entanto, é um dos aspectos mais difíceis do estudo antropológico (SANTOS 1995). MAYS (1998) afirmou que a inexistência de uma técnica completamente satisfatória para estimar a idade à morte dos esqueletos de adultos é um dos problemas mais espinhosos que se enfrentam. Este problema surge porque as taxas de remodelação e degeneração do esqueleto, das quais derivam a maioria dos métodos, são altamente variáveis entre os indivíduos e as populações (BUCKBERRY e CHAMBERLAIN 2002). Segundo os mesmos autores, a história de vida de um indivíduo pode ser uma determinante importante para o envelhecimento do esqueleto.

Ao contrário da diagnose sexual, a estimativa da idade à morte em não adultos realiza-se com alguma segurança. Sempre que existiam maxilares, mandíbulas ou dentes avulsos de jovens, a determinação da idade foi efectuada recorrendo aos esquemas da calcificação e erupção dentária propostos por UBELAKER (1989). Nos ossos longos, utilizaram-se os valores do comprimento máximo ou fisiológico e compararam-se com as tabelas publicadas por STLOUKAL e HANÁKOVÁ (1978) e UBELAKER (1989). Nos adolescentes, usou-se o esquema para a união das epífises com as diáfises dos ossos longos descrito por

Tabela 1

Medidas Efectuadas para a Diagnose do Sexo nos Ossos Longos, Astrágalo e Calcâneo

Osso	Autora	
	WASTERLAIN (2000)	SILVA (1995)
Úmero	Largura epicondilar	
	Diâmetro transversal da cabeça	
	Diâmetro vertical da cabeça	
Rádio	Comprimento máximo	
	Perímetro mínimo	
Fémur	Diâmetro vertical da cabeça	
	Diâmetro transversal da cabeça	
Tíbia	Diâmetro ântero-posterior ao nível do buraco nutritivo	
	Perímetro mínimo	
	Comprimento máximo	Comprimento máximo
Astrágalo	Altura	
Calcâneo	Largura média	Comprimento máximo
	Altura	

FERREMBACH *et al.* (1980). Para os restantes ossos, determinaram-se o comprimento e a largura e os valores obtidos foram comparados com as tabelas de FAZEKAS e KÓSA (1978) e SCHEUER e BLACK (2000).

Quando nenhum destes métodos pôde ser utilizado, a idade foi estimada através dos centros de ossificação descritos por SCHEUER e BLACK (2000). Sempre que o temporal e o occipital se encontravam preservados, foi avaliado o desenvolvimento do anel timpânico (WEAVER 1979) e do osso occipital (KROGMAN e ISCAN 1986).

Nos jovens adultos, este parâmetro foi determinado pelo grau de fusão da extremidade distal da clavícula (MACLAUGHLIN 1990).

Nos adultos, várias foram as metodologias empregues: MASSET (1982) na obliteração das suturas cranianas, BROOKS e SUCHEY (1990) na metamorfose da sínfise púbica ² e LOVEJOY *et al.* (1985), BUCKBERRY e CHAMBERLAIN (2002) e IGARASHI *et al.* (2005) para a metamorfose da superfície auricular do *ilium*.

No final, as idades estimadas foram agrupadas por intervalos etários, de modo a perceber o perfil demográfico da amostra e a facilitar a comparação dos resultados com os auferidos noutros trabalhos.

Quanto à patologia oral, macroscopicamente foram avaliadas as perdas dentárias, a existência de cáries, anotadas segundo a proposta MOORE e CORBETT (1975), enquanto o tártaro foi registado de acordo com MARTIN e SALLER (1956 *in* SILVA 1998). Por último, foi listado o desgaste seguindo as descrições de SMITH (1984).

¹ De forma a simplificar a apresentação dos resultados, o termo crânio é aqui utilizado para designar o crânio completo, o *calvarium* (sem a mandíbula) e a *calvaria* (na ausência da face e da mandíbula).

² O método de BROOKS e SUCHEY (1990) para a estimativa da idade à morte apresenta moldes diferentes para homens e para mulheres. Neste trabalho, por se desconhecer o sexo dos indivíduos, a sínfise púbica foi comparada com ambos os moldes.

Tabela 2

Material Exumado da Igreja de Santiago Maior
espólio estudado por DOMINGOS (2004), GONÇALVES (2004) e PERALTA (2007)

Sondagem	Tipo	Enterramento	Autora
1	Enterramento	13, 14, 18	GONÇALVES (2004)
	Ossário		
2	Enterramento	5, 11	GONÇALVES (2004)
	Ossário		PERALTA (2007)
3	Ossário		PERALTA (2007)
4	Ossário		PERALTA (2007)
5	Enterramento	15, 16, 17, 22, 26, 27, 29, 30, 31, 38	DOMINGOS (2004)
	Ossário		DOMINGOS (2004); PERALTA (2007)
6	Ossário		PERALTA (2007)
7	Ossário		PERALTA (2007)
8	Ossário		PERALTA (2007)
9	Ossário		PERALTA (2007)
S. D.	Enterramento	6, 7, 12	GONÇALVES (2004)
Crivo	Ossário		Por estudar
Remeximento	Ossário		Por estudar
S. I.	Ossário		Por estudar
S. I.	Ossário ³		Por estudar

S.D. – Sem designação de sondagem de proveniência; S.I. – O material não é acompanhado por fichas de campo.

³ Material localizado no Museu Monográfico de Conimbriga.

Resultados e discussão

O material osteológico originário da Igreja de Santiago Maior, e presentemente no Departamento de Antropologia, encontra-se quase todo estudado. A Tabela 2 sumaria as amostras analisadas, bem como as respectivas autoras dos estudos. Os indivíduos tratados por SANTOS (1990a; b) foram reanalisados por DOMINGOS (2004) e GONÇALVES (2004), pelo que os resultados iniciais não são mostrados.

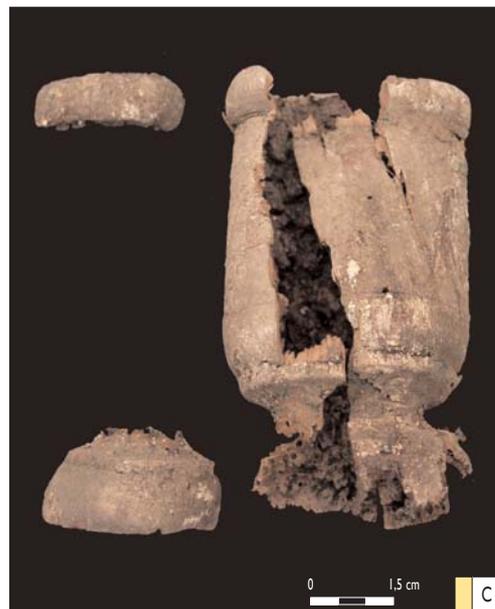
Atendendo ao avançado estado da investigação, os resultados da análise paleodemográfica e da patologia oral obtidos por PERALTA (2007) são agora apresentados, e



↑ Figura 1 →

Três contas de rosário, duas em madeira e uma de plástico branco, provenientes do ossário da sondagem 6 (A).

Objectos em madeira encontrados junto no ossário da sondagem 7, peça pertencente a uma cruz de rosário (B) e base cilíndrica (C).



compilados, com os conquistados por DOMINGOS (2004) e GONÇALVES (2004), de modo a se delinear o perfil desta população.

Juntamente com os restos osteológicos humanos foram recuperados ossos de animais e espólio arqueológico: três fragmentos de madeira e oito pregos, três contas de rosário (Figura 1A), parte da cruz de um rosário (Figura 1B) e uma base em madeira (Figura 1C). A identificação destas peças contou com a colaboração do arqueólogo Paulo César Santos.

Segundo este (SANTOS 2007), a peça de madeira (Figura 1C) corresponde à base de um objecto do interior da Igreja. A sua estrutura cilíndrica data-a entre finais do século XVIII e início do XIX.

Na Sondagem 2 também foram encontradas contas de rosário, entre outro espólio (GONÇALVES e SANTOS 2005).

Tafonomia

Nos oito ossários verificou-se uma preservação diferencial, com elevada fragmentação dos ossos longos e chatos e melhor conservação dos curtos e dos ossos pertencentes a indivíduos imaturos. Apesar da fragmentação, todos os componentes do esqueleto estão representados.

Os factores de ordem física, química e biológica interferem na preservação, podendo agir dependente ou independentemente uns dos outros e ser intrínsecos ou extrínsecos ao indivíduo (HENDERSON 1987). Segundo ORTNER (2003), as alterações *post mortem* verificadas nos ossos são o resultado de duas condições básicas: o ambiente contíguo ao enterramento e problemas durante ou depois da escavação. A destruição por acção humana teve início ainda antes da escavação. O relatório de campo refere que precedentemente à intervenção antropológica tinham sido removidas terras e algumas ossadas para o cemitério

Figura 2 →

Sacro (oss 8), pertencente ao ossário da sondagem 7, em norma anterior, onde se observam marcas deixadas pelas raízes das plantas.

local e, também, que a Igreja foi utilizada para enterrar animais mortos (CATARINO 1987). O tamanho reduzido dos ossos dos indivíduos imaturos parece ter funcionado como factor favorável à preservação durante os sucessivos revolvimentos de terras.

Em alguns ossos existem marcas finas e entrelaçadas deixadas por raízes de plantas (Figura 2). Segundo HENDERSON (1987), em áreas com vegetação, as raízes podem ser muito destrutivas para o esqueleto. Recorde-se que a Igreja esteve abandonada (CATARINO 1987), sendo possível o desenvolvimento de flora no seu interior.

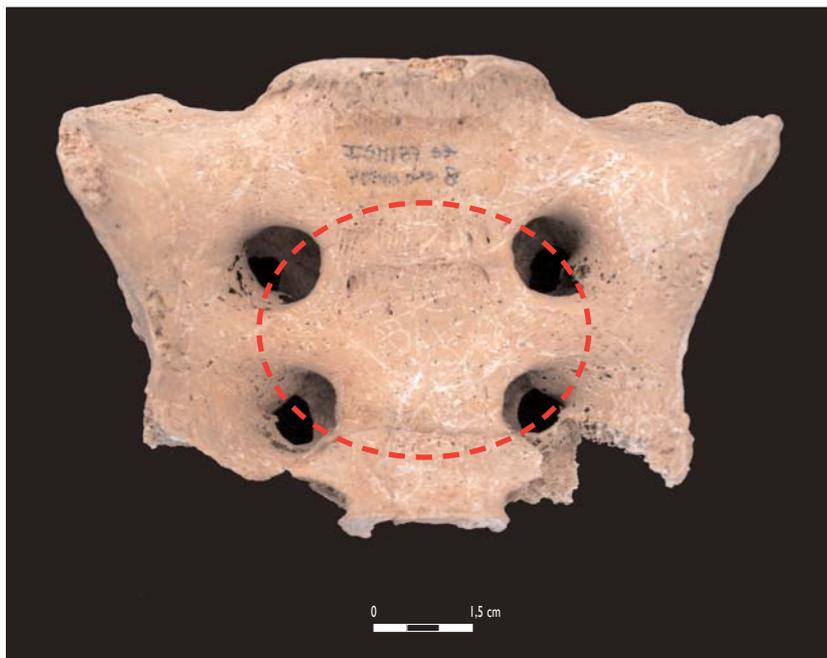
Para além das evidências da acção da flora, visualizaram-se alterações na coloração. Um crânio apresenta-se com as cores castanha/avermelhada e esverdeada na região do frontal. A coloração verde está associada ao contacto com metais, enquanto que a castanha/avermelhada se relaciona com a proximidade de objectos em ferro.

Análise paleodemográfica

A etapa do estudo paleodemográfico contemplou a determinação do número mínimo de indivíduos, a estimativa da idade à morte e do sexo.

Da observação da Tabela 3 depreende-se a presença de 166 indivíduos, 47 adultos e 119 não adultos. Este número mínimo pode, no entanto, estar sobervalorizado, pois não há forma de se saber se fragmentos de um mesmo osso / indivíduo estariam dispersos por mais do que uma sondagem.

Os ossários das sondagens 3 e 4 apresentaram um maior número de indivíduos adultos, enquanto os das sondagens 5 e 6 são maioritariamente de espécimes jovens. Nesta amostra há ainda a realçar a presença de 71,7 % de indivíduos imaturos. Os esqueletos de jovens são menos densos e mineralizados do que os de um adulto, logo, de difícil preservação (SAUNDERS 2000). Daí que, frequentemente, a sua presença no registo arqueológico seja menor, comparativamente à da população adulta. Outros argumentos justificativos da ausência destes espécimes nas séries osteológicas são factores socioculturais, manifestados através de práticas funerárias diferenciadas, e uma deficiente recuperação na escavação, aliada a um transporte e armazenamento inadequados (HOPPA 1996; SAUNDERS 2000; SCHEUER e BLACK 2000; CARDOSO 2003-2004). Para SUNDICK



(1993), a ausência de peças ósseas de imaturos deve-se, em grande parte, à diminuta capacidade das equipas para reconhecerem no campo os ossos dos indivíduos não adultos. Elementos do esqueleto de um feto ou de uma criança podem ser confundidos com ossos de animais (CARDOSO 2003-2004), as epífises com pequenas pedras, e desse modo passarem despercebidas (LEWIS 2000). Certamente não terá ocorrido com a equipa envolvida nos trabalhos em Santiago de Monsaraz.

Uma outra hipótese explicativa do elevado número de não adultos existente neste local, será a Igreja ter funcionado como um espaço privilegiado para a inumação destes indivíduos.

Apesar do material se encontrar sob a forma de ossário, verificou-se, na sondagem 3, a conservação de uma articulação entre o ilíaco e a cabeça do fémur esquerdos de um adulto.

A amostra populacional exumada da Igreja de Santiago Maior de Monsaraz, analisada até à realização deste artigo, é composta por 271 indivíduos, 161 jovens e 110 adultos. É possível que o número mínimo se encontre um pouco enviesado, devido ao facto do ossário da sondagem 5 ter sido estudado por duas autoras (DOMINGOS 2004 e PERALTA 2007), calculando-se neste artigo o número mínimo de indivíduos, para esta sondagem, através da soma dos obtidos em cada um dos trabalhos.

Tabela 3

Valores do N.º Mínimo de Indivíduos e da Diagnose Sexual para o conjunto dos oito ossários

sondagem	n.º mínimo de indivíduos		sexo		n
	adultos	não adultos	masculino	feminino	
2	4	12	3	1	18
3	10	22	10	7	62
4	11	9	13	7	87
5	5	40	5	3	28
6	5	29	8	3	30
7	4	4	2	1	19
8	4	2	7	2	31
9	4	1	4	4	15
Total	47	119	52	28	

n - número de ossos ou fragmentos

Diagnose sexual

Uma determinação segura do sexo em remanescentes ósseos humanos é de fundamental importância (BRUZEK 2002). A diagnose sexual confia na existência de diferenças na morfologia do esqueleto masculino e feminino (MAYS e COX 2000), sendo os

ossos pélvicos os que permitem uma avaliação mais fiável, por se encontrarem associadas à função reprodutora na mulher, seguindo-se a morfologia craniana e dos ossos longos (FEREMBACH *et al.* 1980; ORTNER 2003).

A diagnose sexual, realizada apenas nas peças de indivíduos adultos, foi possível em 28 % (80/290) dos casos. Destas, 18 % (52/290) apresentam características masculinas, duas delas relativas ao mesmo indivíduo, e 10 % (28/290) pertenceram a

pessoas do sexo feminino (Tabela 3). Cerca de 48 % (38/80) dos diagnósticos foram efectuados através dos ossos dos pés (calcâneo e astrágalo), o que comprova a sua melhor preservação.

Quando se compilam os resultados obtidos por PERALTA (2007) com os de DOMINGOS (2004) e de GONÇALVES (2004), verifica-se que nos ossários das nove sondagens foram analisadas 605 peças avulsas, 29 % (149/605) das quais pertencem a indivíduos do sexo masculino e 23 % (115/605) apresentam características femininas (Gráfico 1). Nos 16 indivíduos em conexão anatómica, quatro apresentam características femininas e seis pertencem ao sexo masculino. Existe um ligeiro predomínio de homens. No entanto, dado o baixo número de peças em que foi possível aplicar as metodologias para o diagnóstico do sexo, e pelo facto deste parâmetro estar a ser determinado apenas com base num osso, é precipitado generalizar.

Os casos de impossibilidade de diagnóstico estão relacionados maioritariamente com a fragmentação dos ossos recuperados na forma de ossário.

Estimativa da idade à morte

A determinação da idade à morte com base no esqueleto é uma importante e inquestionável componente da Arqueologia, da Antropologia Biológica e da Paleodemografia (COX 2000; IGARASHI *et al.* 2005), e uma das tarefas mais difíceis para os antropólogos físicos (BUCKBERRY e CHAMBERLAIN 2002).

A estimativa da idade à morte foi realizada tanto nos indivíduos adultos como nos não adultos. No primeiro grupo, verificou-se um predomínio de adultos jovens (7 %) e no segundo de infantes: 44 % das peças terão pertencido a indivíduos com idades entre o nascimento e os 3 anos (Gráfico 2A).

Observa-se, através da análise do Gráfico 2A, que todas as faixas etárias estão representadas na amostra estudada por PERALTA (2007), bem como nos estudos anteriores (2B). No entanto, estes resultados podem encontrar-se deturpados pelo reduzido número de peças que permitiram a determinação deste parâmetro devido à fraca preservação, nomeadamente da sínfise púbica e da superfície auricular, regiões importantes na estimativa da determinação da idade à morte em adultos.

No que toca à estimativa da idade à morte dos 18 indivíduos em articulação, oito são adultos, quatro adultos jovens, um idoso, três adultos de idade indeterminada e uma criança.

Através da análise do Gráfico 2B, constata-se que as peças de indivíduos não adultos se encontram distribuídas por todas as classes etárias consideradas, existindo um predomínio de infantes (51 %), com a classe das crianças (23 %) e dos fetos (13 %) igualmente muito representada. A mortalidade infantil está directamente associada às condições biológicas materno-infantis (idade da mãe, intervalo entre partos, baixo peso ao nascimento, etc.), às condições ambientais (saneamento básico e água potável) e,

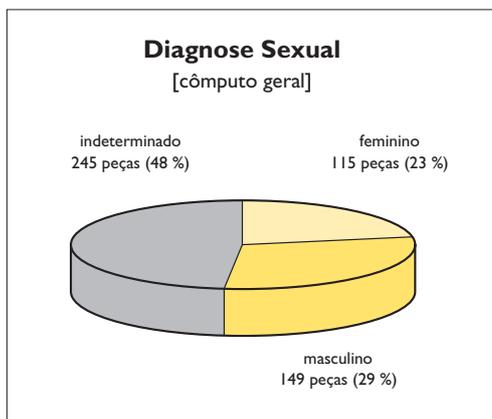


Gráfico 1 ↑

Compilação dos resultados obtidos para a diagnose sexual das peças avulsas pertencentes aos ossários das nove sondagens analisadas.

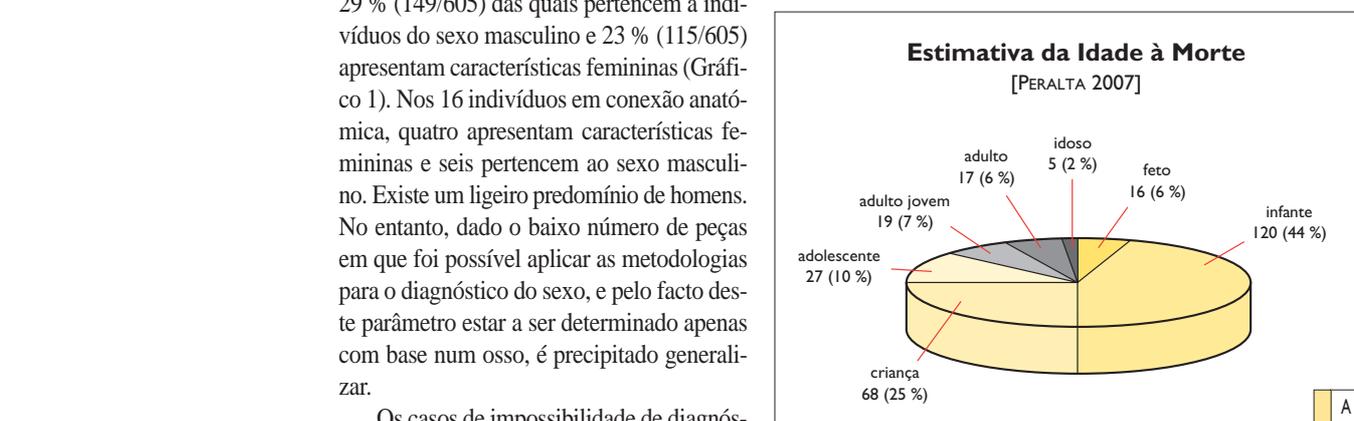
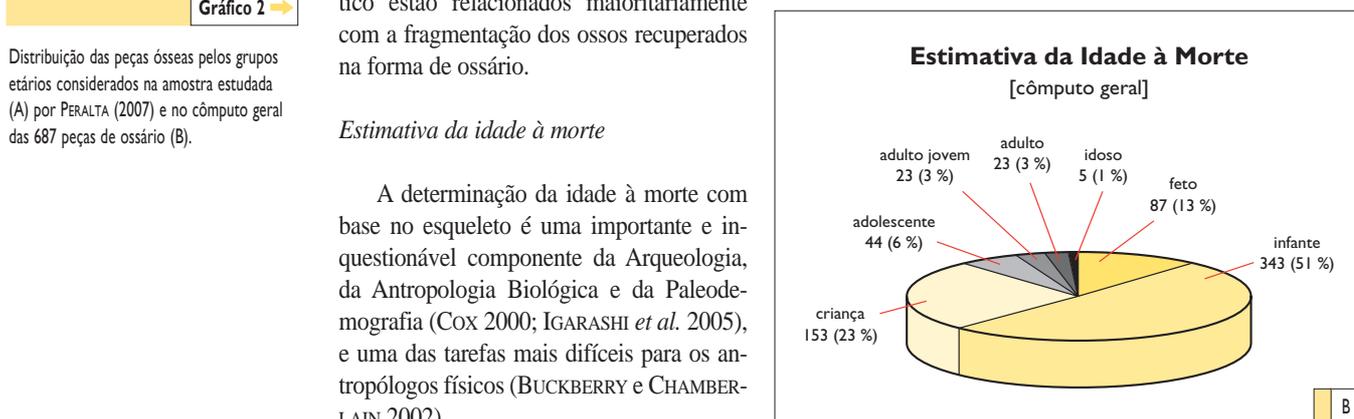


Gráfico 2 →

Distribuição das peças ósseas pelos grupos etários considerados na amostra estudada (A) por PERALTA (2007) e no cômputo geral das 687 peças de ossário (B).



principalmente, às relações sociais que organizam a vida das pessoas (DUARTE 2007). Mesmo com os cuidados modernos é de elevado risco, logo, na antiguidade teria sido ainda maior, devido à indisponibilidade de antibióticos e ao desconhecimento de técnicas de rehidratação (ROBERTS e MANCHESTER 1995).

O período que decorre entre o nascimento e os três anos de idade é o mais crucial para o crescimento correcto das crianças (BEATON 1992), a rápida taxa de desenvolvimento sugere necessidades nutricionais elevadas e, consequentemente, a criança encontra-se mais susceptível a infecções e a uma nutrição deficiente (SAUNDERS e BARRANS 1999). Nos infantes e nas crianças, são as deficiências vitamínicas e de outros nutrientes, a tosse convulsa, a pneumonia e o sarampo, entre outras (BROTHWELL 1986), as infecções respiratórias agudas e os problemas gastrointestinais, como a diarreia e a disenteria (ROBERTS e MANCHESTER 1995; SAUNDERS e BARRANS 1999).

A cronologia exacta dos indivíduos resgatados de Santiago Maior é desconhecida, sendo mais razoável uma datação a rondar os séculos XVI-XIX (*in* SANTOS 1990b).

Segundo RODRIGUES (1993), o século XVI ficou marcado por surtos de peste associados a períodos de fome, devido à escassez de alimentos provocada pelas intempéries no Inverno e secas no Verão; no início do século XVII, a peste deu lugar a outras doenças epidémicas como o tifo e a difteria, sendo o Sul do país (Algarve e Alentejo) a região mais afectada. No século XIX, surgiram as últimas vagas epidémicas de cólera, febre-amarela e de varíola (CASCÃO 1993).

Mesmo que tenham afectado Monsaraz, não foram encontrados documentos comprovativos e estas são doenças, e eventualmente causas de morte, que permanecem ocultas no esqueleto.

Patologia oral

Os restos dentários são frequentemente estudados porque, de todos os elementos do esqueleto, são os que melhor se preservam, representando também uma fonte de dados valiosa sobre a saúde oral, a constituição da dieta, a nutrição, a história do crescimento dos indivíduos e dos hábitos culturais das populações pretéritas (LUKACS 1995; ARAÚJO 1996).

O estudo da dentição compreendeu o registo da perda de dentes *ante mortem*, de cáries e de tártaro. Apesar de não ser considerada uma patologia, o desgaste dentário foi igualmente estudado.

Perda dentária

Na amostra estudada por PERALTA (2007), a perda de dentes *ante mortem*, nas mandíbulas e maxilares, atingiu 30 % (73/241) dos alvéolos observados (Tabela 4).

Tabela 4
Caracterização dos Dentes dos Maxilares e das Mandíbulas da presente amostra

		incisivos	caninos	pré-molares	molares	TOTAL
Maxilar	Presentes	4	2	12	17	35
	Perda <i>ante mortem</i>	2	2	4	2	10
	Perda <i>post mortem</i>	18	9	10	7	44
	Não observável	32	15	28	62	137
Mandíbula	Presentes	0	0	5	16	21
	Perda <i>ante mortem</i>	14	10	16	23	63
	Perda <i>post mortem</i>	23	10	23	12	68
	Não observável	63	32	58	105	258

A perda *ante mortem* afectou maioritariamente os dentes inferiores (N = 63) e posteriores (N =39). Na Figura 3 é visível uma mandíbula, pertencente ao ossário da sondagem 3, evidenciando completa reabsorção e remodelação alveolar, consequência da total perda da dentição em vida. No maxilar, os dentes mais afectados foram os pré-molares (N = 4).

De realçar que estes valores devem ser encarados com cautela pois 405 alvéolos dentários encontravam-se fragmentados. Por outro lado, nem sempre a avaliação de quando (*post mortem* ou *ante mortem*) ocorreu a perda dentária é inequívoca, pois a distinção é efectuada analisando o estado de remodelação e reabsorção alveolar (LUKACS 1995).

Após erupcionados, os dentes definitivos só são perdidos se forem removidos mecanicamente, em cirurgias decorrentes de ferimentos ou devido à perda do tecido ósseo que os suporta na sua posição normal (HILLSON 2001). Na maioria das vezes é difícil identificar as causas que levaram à perda de dentes



Figura 3

Mandíbula (oss 12), em vista superior, evidenciando total perda de dentes *ante mortem*.



Figura 4 ↑

Cáries no primeiro molar inferior esquerdo (oss 162) na superfície oclusal (à esquerda) e na raiz do segundo pré-molar inferior esquerdo (oss 176).

durante a vida dos indivíduos. ORTNER (2003) aponta as cáries complicadas por abscessos como as principais responsáveis pela extração dentária, seguindo-se a doença periodontal e o trauma. Na opinião de LANGSJOEN (1998), este tipo de perda não só reduz materialmente a função mastigadora como cria malformações, pois os dentes que permanecem tendem a inclinar-se, mover-se, rodar ou a serem empurrados para posições de função errada que interferem com a posição cêntrica da mandíbula, podendo levar à sua deslocação lateral causando, por vezes, stresse das articulações temporomandibulares.

Tratando-se de uma população adulta jovem, de acordo com LUKACS (1989), seria de esperar uma baixa perda de dentes *ante mortem*. No entanto, 43 % (288/666) dos alvéolos analisados evidenciam uma perda de dentes anterior à morte do indivíduo. Percentagem semelhante (49 %) foi observada por WASTERLAIN (2006), para o grupo etário dos 20 aos 30 anos, numa amostra das Coleções Identificadas do Museu Antropológico da Universidade de Coimbra.

Atendendo à presença de uma avultada quantidade de dentes avulsos nos ossários das nove sondagens e ao elevado número de alvéolos que se encontravam ausentes ou destruídos, impossibilitando o seu estudo, é possível que os resultados da perda de dentes *ante mortem* não correspondam exactamente à situação em vida dos indivíduos.

Cáries dentárias

A cárie dentária (do latim, *cárie* “cárie; podridão”), talvez a mais comum das patologias em populações arqueológicas (ROBERTS e MANCHESTER 2005), é uma doença multifactorial e multibacteriana dos tecidos calcificados dos dentes, caracterizada pela desmineralização da porção inorgânica e destruição da porção orgânica (LANGSJOEN 1998). Embora a actividade bacteriana seja uma condição necessária

ao surgimento das cáries, factores intrínsecos ao desenvolvimento do dente, como uma falha na qualidade do esmalte, podem criar condições favoráveis à actividade cariogénica e influenciar o seu crescimento e localização (ORTNER 2003).

As cáries dentárias foram pesquisadas por PERALTA (2007) em 407 dentes (365 definitivos e 42 deciduais). Registou-se uma baixa percentagem de dentes afectados (N = 41), num total de 47 cáries assinaladas, sendo que a maioria dos casos (N = 40) correspondem a dentes definitivos.

Relativamente ao tamanho, prevalece a pequena cavidade ou fissura (74 %), seguida com 19 % da média a grande, com menos de metade da coroa do dente destruída. Apenas em 4 % dos dentes se registou a presença de uma cárie que destruiu por completo a coroa, permanecendo apenas a raiz do dente.

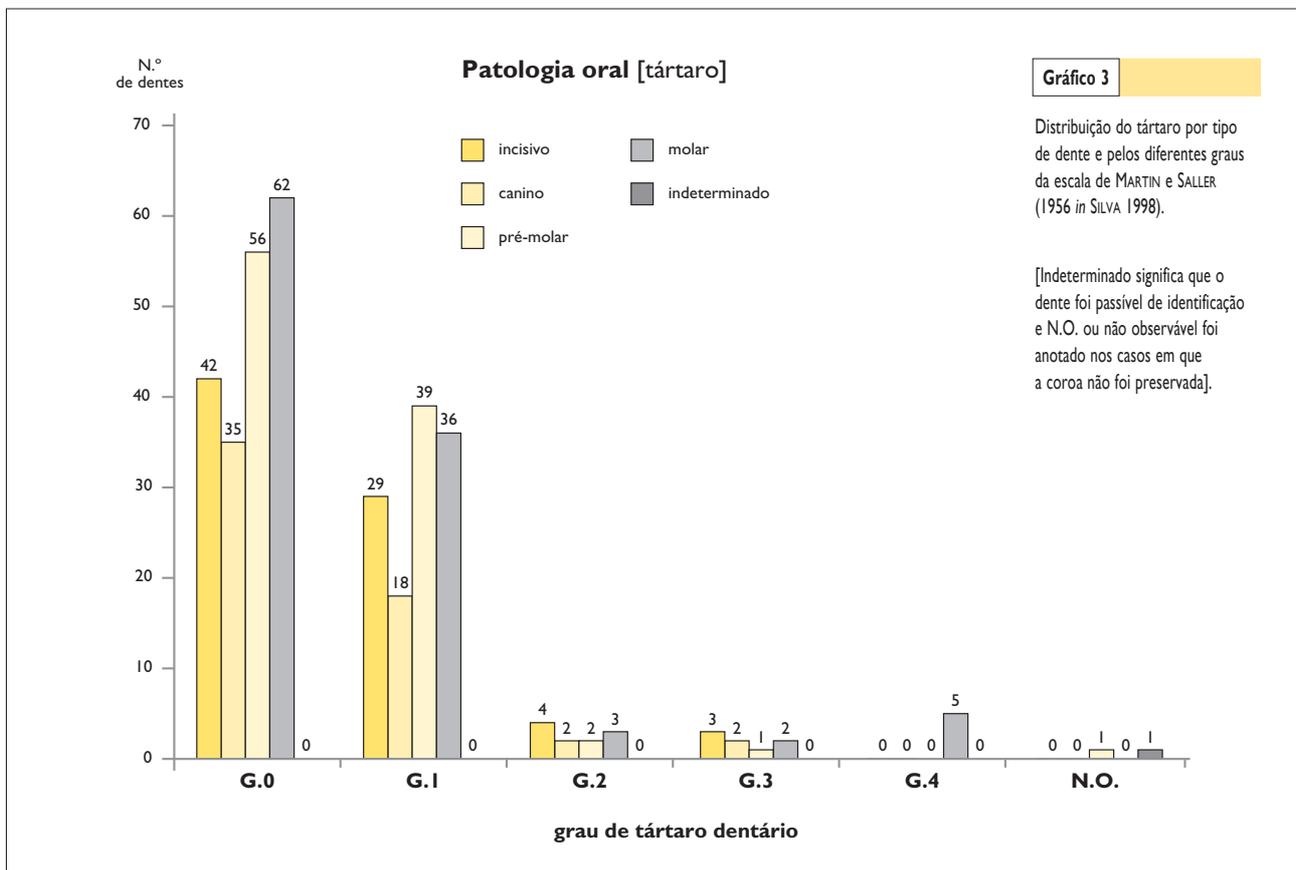
A análise da origem e da localização da lesão mostrou que se situam em maior número na raiz (33 %) e na zona de contacto interproximal (31 %), afectando maioritariamente os dentes posteriores (76 %). As regiões menos afectadas foram a superfície oclusal e a superfície vestibular e/ou labial, com 4 % cada. Em 9 % dos casos não foi possível determinar o local de origem.

Registou-se a presença de duas cáries em seis dentes, afectando maioritariamente os caninos (N = 3), seguindo-se os molares (N = 2) e, por último, uma num pré-molar. Estes dentes apresentavam maioritariamente cáries de pequena cavidade ou fissura (N = 7), localizadas na superfície interproximal (N = 5) e na raiz (N = 4). Na Figura 4 observa-se um primeiro molar e um segundo pré-molar, ambos inferiores e esquerdos, pertencentes ao ossário da sondagem 2, exibindo uma cárie oclusal e outra na raiz, respectivamente, atingindo menos de metade das coroas dos dentes.

No total do material estudado, as cáries dentárias foram pesquisadas em 564 dentes erupcionados (505 definitivos e 59 deciduais). Registou-se apenas uma cárie oclusal de pequeno tamanho afectando uma peça decidual. Nos dentes definitivos observaram-se 64 cáries atingindo 13 % (N = 57) dos dentes, sendo que destes, 12 % (7/57) exibem duas cáries.

Relativamente ao tamanho, 53 % (34/64) são pequenas cavidades ou fissuras, seguidas das cáries médias a grandes (N = 13). Apenas em 3 % dos dentes (N = 2) se registou a presença de uma cárie que destruiu por completo a coroa.

A baixa prevalência de cáries, segundo MOORE e CORBETT (1975), é atribuída a uma dieta pobre e a um baixo consumo de hidratos de carbono. A análise da origem e da localização mostrou que as lesões são maioritariamente cervicais (N = 19), seguindo-se na raiz (N = 16) e, por fim, na região interproximal (N = 13), afectando maioritariamente os dentes posteriores (79%). As regiões menos afectadas foram a superfície oclusal e a superfície vestibular e/ou labial (N = 6).



Em 6 % (N = 4) dos casos não foi possível determinar o local de origem da cárie. O padrão de cáries verificado para a população de Monsaraz é idêntico ao observado para a Grã-Bretanha em períodos de tempo anteriores (MOORE e CORBETT 1975). Para o século XVII, estes investigadores detectaram um aumento na prevalência de cáries e na frequência de lesões nas fissuras oclusais e nas áreas de contacto intersticiais da dentição, associado às inovações alimentares, especialmente ao elevado consumo de açúcar de cana e farinha refinada. A população portuguesa baseava a sua alimentação no pão de trigo, centeio e cevada, tendo sido introduzido no século XVIII o cultivo da batata e do arroz (SERRÃO 1993).

Tártaro

Designa-se por tártaro a placa mineralizada aderente à superfície do dente (HILLSON 1996) que se acumula mais rapidamente quando há um aumento no consumo de proteínas e/ou de hidratos de carbono (ROBERTS e MANCHESTER 2005) e uma pobre higiene oral (HILLSON 1996).

Dos 344 dentes pesquisados por PERALTA (2007), 42 % exibem tártaro, sendo que, na maioria (84 %), são visíveis apenas depósitos de tamanho moderado (Gráfico 3).

Todos os tipos de dentes apresentam esta patologia; no entanto, os posteriores foram os mais afectados (N = 206). Acumulações maiores, classificadas de grau 2 e 3 (respectivamente quando o tártaro ocupa entre um terço e metade da coroa, e mais de metade das superfícies lingual e ou/ vestibular), foram verificadas em 8 % dos dentes (Figura 5).

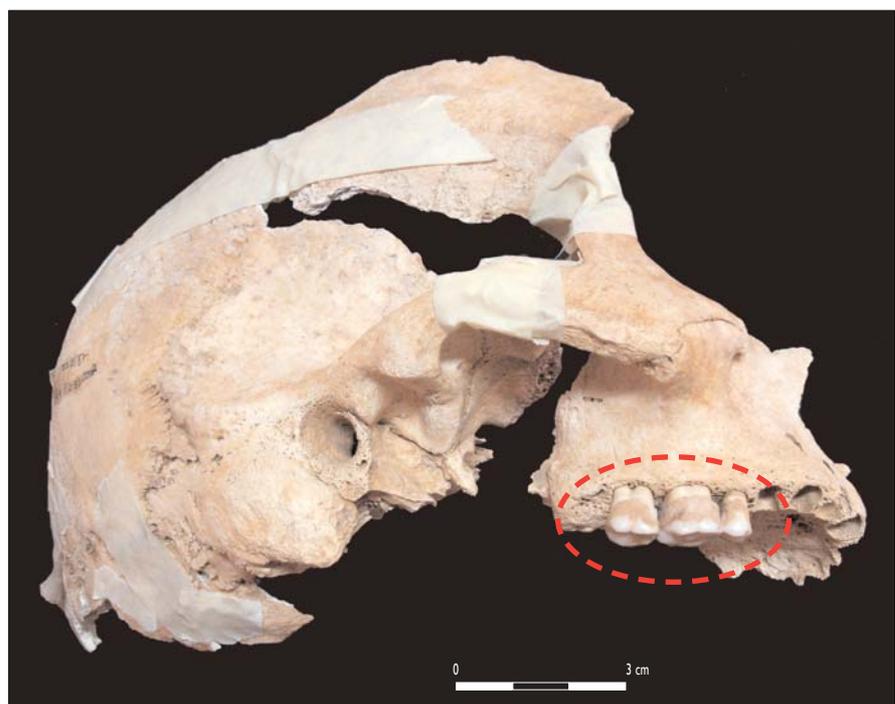
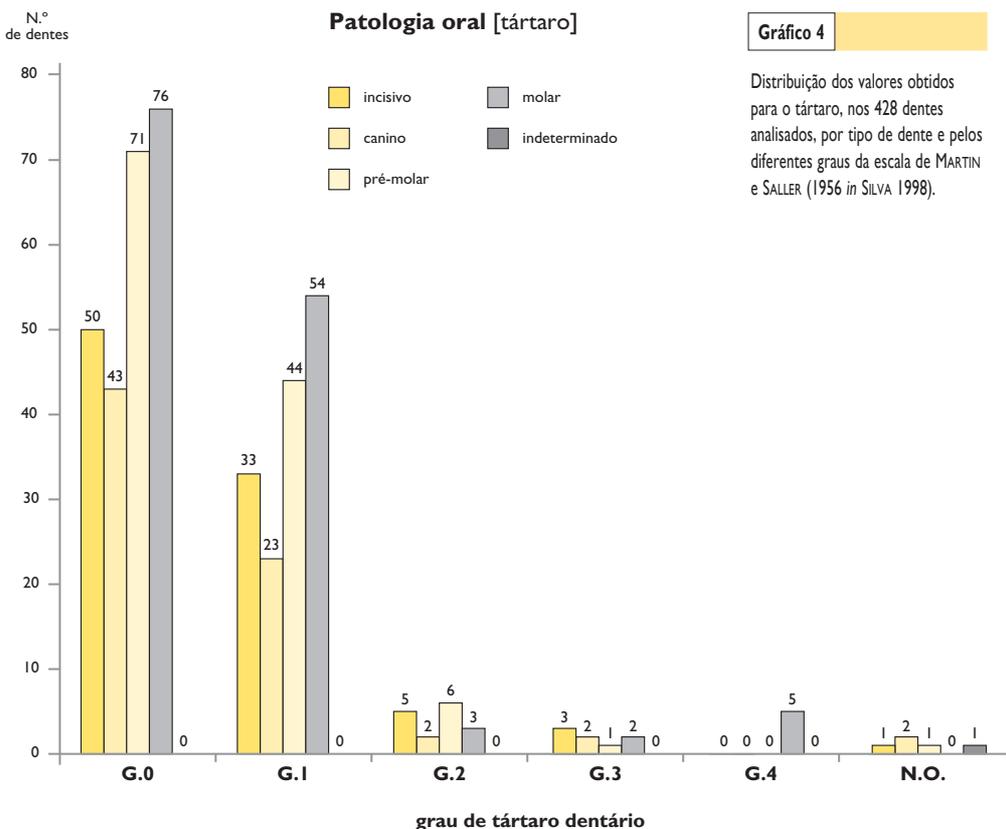


Figura 5 →

Vista lateral direita de um crânio de adulto (oss 12) com os molares superiores cobertos de tártaro.



Dos 428 dentes definitivos erupcionados (Gráfico 4), 45 % (N = 193) exibem tártaro nas suas superfícies, sendo que na maioria (N = 154) são visíveis apenas depósitos moderados. Acumulações de graus 2 e 3 foram verificadas em 24 dentes e apenas cinco apresentam deposição máxima.

Todos os tipos de dentes apresentam esta patologia; no entanto, os posteriores foram os mais afectados. Segundo ROBERTS e MANCHESTER (2005), é mais comum desenvolver-se tártaro nos dentes situados próximos das glândulas salivares, ou seja, na superfície lingual dos incisivos inferiores e bucal dos molares superiores.

A prevalência de tártaro, aqui assinalada, é semelhante à observada por DOMINGOS (2004) para a sondagem 5. A autora refere a existência de 45 % (33/74) de dentes com tártaro, a maioria (N = 18) exibindo apenas depósitos moderados.

Os dados visíveis neste gráfico referem-se à presença de tártaro no material estudado mas, por diferente modo de apresentação dos resultados, não foi possível incluir os resultados obtidos nos 74 dentes estudados por DOMINGOS (2004).

Desgaste dentário

O desgaste dentário consiste na perda da superfície oclusal ou de mastigação (HILLSON 1996). Não é considerado uma patologia mas uma consequência normal da mastigação (HILLSON 1996; LANGSJOEN 1998), podendo, no entanto, predispor os dentes a outras condições patológicas, como as cáries e os abscessos (ROBERTS e MANCHESTER 2005). Este processo tem início logo após a erupção dentária, através do contacto dos dentes com os alimentos ou com substâncias exógenas introduzidas na cavidade bucal (ARAÚJO 1996).

No estudo do desgaste dentário da presente amostra foram analisados 344 dentes definitivos erupcionados, não tendo sido possível avaliar a superfície oclusal em 2 % (8/344) das peças por se encontrarem fragmentadas (Gráfico 5).

A maioria dos dentes (N = 263) exhibe desgaste igual ou inferior ao grau 3, da escala de SMITH (1984), 12 % (N = 41) manifestam grau 4 e apenas 9 % (N = 32) possuem um desgaste igual ou superior a grau 5.

No total dos dentes analisados, 32 % (109/344) apresenta desgaste de grau 2, sendo que destes 49 % (53/109) são anteriores e 51 % (56/109) são posteriores (Gráfico 5).

Alguns dentes anteriores apresentavam nas superfícies bucais um padrão de desgaste atípico. Estas situações, na opinião de LANGSJOEN (1998) podem dever-se a elementos abrasivos presentes ou incorporados durante a preparação da comida, ou ao uso desses dentes na realização de tarefas que não o processamento da comida (CAMPILLO 2001). Na Figura 6 são visíveis dois dentes anteriores, pertencentes ao ossário da sondagem 6, exibindo um desgaste de grau 6 e grau 7.

Nos três estudos efectuados, o desgaste foi avaliado em 503 dentes definitivos erupcionados, a maioria avulsos, não tendo sido possível registrar o grau na superfície oclusal fragmentada de nove peças (em 503 ou 2 %).

A maioria dos dentes (71 %) exhibe desgaste inferior ou igual ao grau 3 da escala de SMITH (1984), 15 % manifesta desgaste igual a 4 e 14 % possui um desgaste superior ao grau 4 de severidade. No total dos dentes analisados, 31 % (N = 494) apresenta desgaste de grau 2, sendo que destes 46 % são anteriores e 53 % são posteriores (Gráfico 6). Apenas dois caninos e um molar exibem grau máximo de desgaste, com total exposição da dentina.

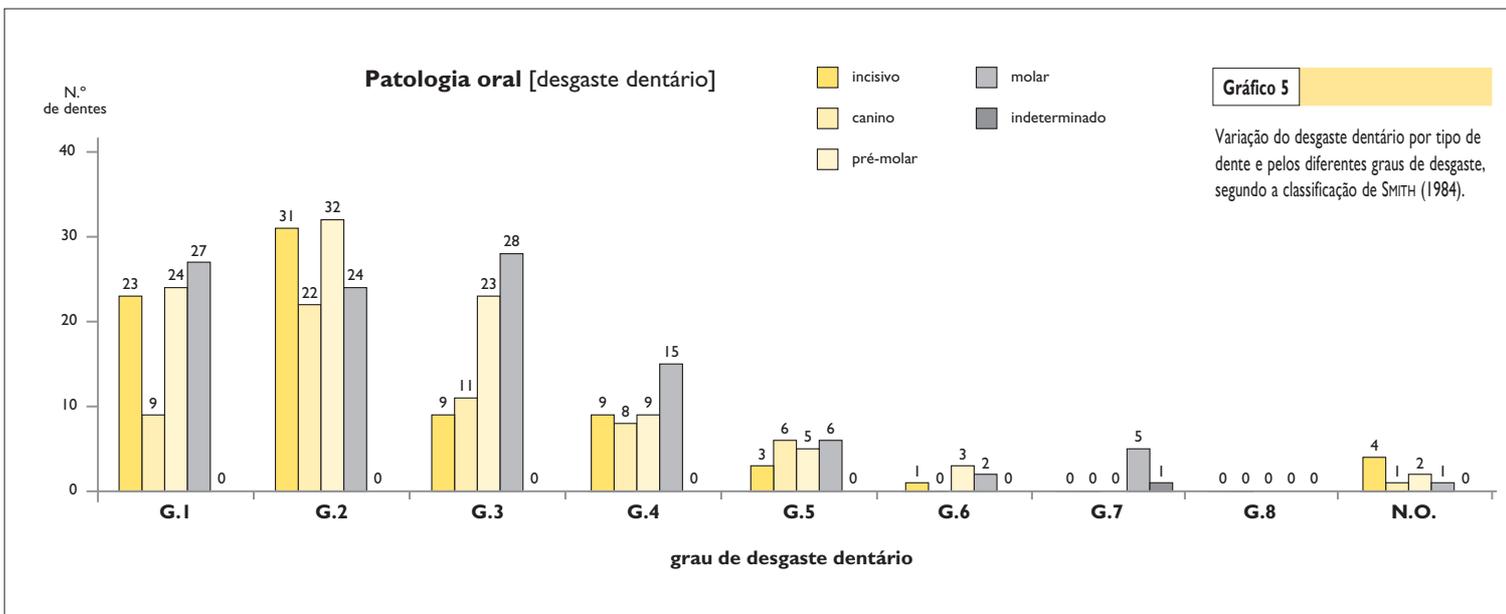


Gráfico 5

Variação do desgaste dentário por tipo de dente e pelos diferentes graus de desgaste, segundo a classificação de SMITH (1984).

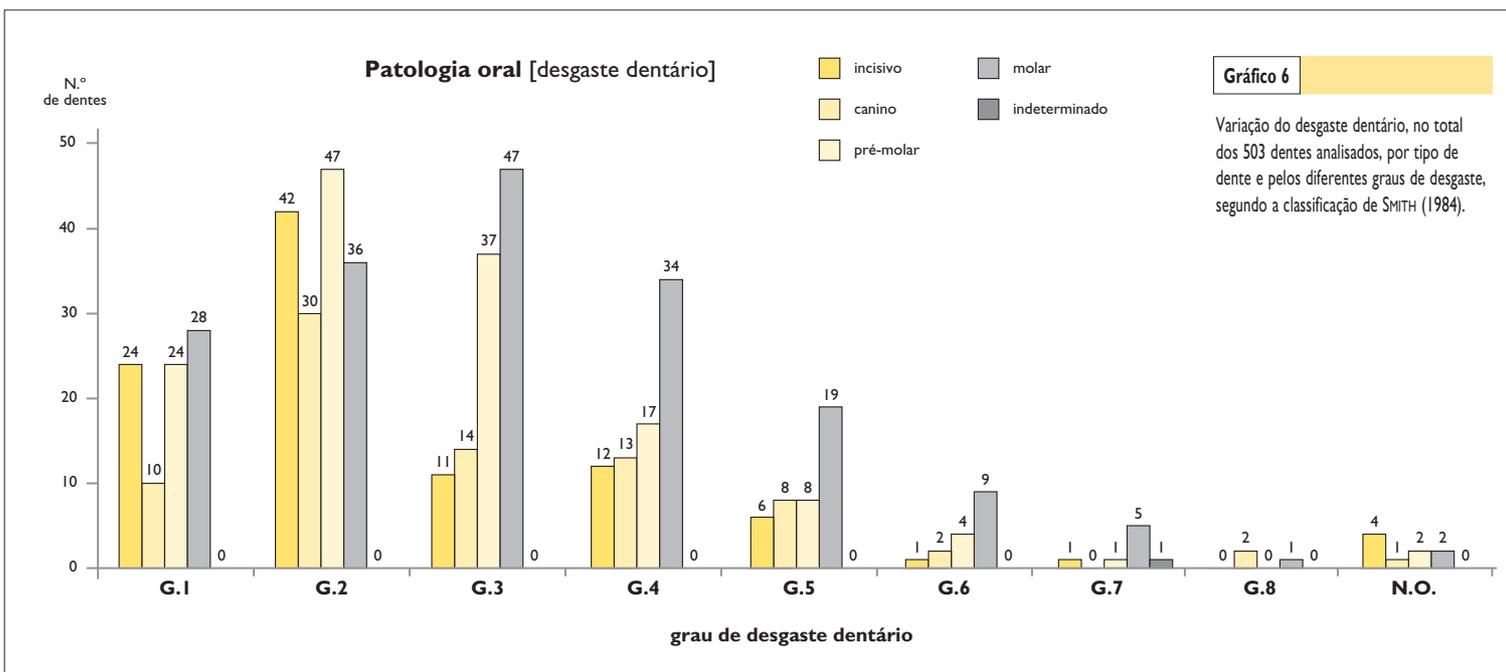


Gráfico 6

Variação do desgaste dentário, no total dos 503 dentes analisados, por tipo de dente e pelos diferentes graus de desgaste, segundo a classificação de SMITH (1984).

Os valores de desgaste obtidos para esta população são próximos dos registados por WASTERLAIN (2006) numa amostra de indivíduos que viveram e morreram nos séculos XIX-XX. O grau 2 de desgaste foi igualmente o mais frequente (49 %) nos dentes analisados por esta autora.

No geral, esta população de Monsaraz apresenta desgaste dentário pouco severo. Como prováveis explicações para este facto podem apontar-se que os indivíduos seriam adultos jovens, teriam perdido os dentes com maior desgaste e/ou ingeriram uma dieta pouco abrasiva.

Figura 6 →

Incisivo central superior esquerdo (oss 278), em vista lingual (à esquerda), com desgaste de grau 6 e dente anterior (oss 299) (à direita), em norma lingual, exibindo desgaste de grau 7, ambos avaliados segundo a escala proposta por SMITH (1984).



Conclusões

A Igreja de Santiago Maior de Monsaraz, actualmente espaço de divulgação da cultura, foi local de culto religioso e de inumação da população até ao século XIX. Os restos osteológicos exumados em 1987 foram, até ao momento, alvo de quatro estudos: SANTOS (1990a), DOMINGOS (2004), GONÇALVES (2004) e PERALTA (2007). O conjunto do material analisado revela a presença de 274 indivíduos, 164 não adultos e 110 adultos. Estes valores correspondem ao somatório do número mínimo de sujeitos por sondagem, pelo que devem ser entendidos com o carácter de estimativa.

A diagnose sexual, efectuada para as peças de indivíduos adultos, permitiu identificar características femininas em quatro indivíduos em articulação (4/16) e em 115 peças de ossário, e masculinas em seis enterramentos (6/16) e 149 peças avulsas. A avaliação deste parâmetro demográfico não foi possível em seis enterramentos e em 245 ossos ou fragmentos desarticulados.

Nos indivíduos adultos observou-se o predomínio de efectivos jovens, enquanto que nos não adul-

tos, apesar de todos os grupos se encontrarem representados, os infantes e as crianças são as mais representadas.

Em termos de patologia oral há a salientar 43 % de perda de dentes *ante mortem*, embora estes resultados estejam condicionados pela limitada observação dos alvéolos, 13 % de cáries e 45 % de tártaro. Verificou-se ainda desgaste dentário maioritariamente baixo, com 71 % das peças a exibir grau inferior a 3, segundo a escala proposta por SMITH (1984).

Um perfil biológico mais completo desta população só poderá ser traçado aquando da conclusão do estudo de todo o material exumado, preferencialmente complementado com os dados de arquivo, nomeadamente de nascimentos e óbitos, e documentais acerca das actividades dos habitantes de Monsaraz.



Agradecimentos

Ao Dr. Virgílio Correia, Director do Museu de Conimbriga, à Dra. Helena Catarino e ao Dr. Paulo César Santos.

Bibliografia

- ARAÚJO, M. T. G. L. (1996) – *Os Dentes Humanos das Grutas Artificiais de S. Pedro do Estoril: incidência de algumas lesões patológicas e estudo do desgaste numa amostra de dentes do Neolítico Final / Calcolítico*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia. Braga: Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho [não publicado].
- BEATON, G. H. (1992) – “The Raymond Pearl Memorial Lecture, 1990: nutritional research in human biology: changing perspectives and interpretations”. *American Journal of Human Biology*. 4(2): 159-178.
- BROOKS, S. e SUCHEY, J. M. (1990) – “Skeletal Age Determination on the os pubis: a comparison of the Acsádi-Nemeskéri and Suchey-Brooks methods”. *Human Evolution*. 5(3): 227-238.
- BROTHWELL, D. R. (1981) – *Digging up Bones: the excavation, treatment and study of human skeleton remains*. London: British Museum.
- BROTHWELL, D. R. (1986) – “The Problem of the Interpretation of Chid Mortality in Earlier Populations”. *Antropologia Portuguesa*. 4-5: 135-168.
- BRUZEK, J. (2002) – “A Method for Visual Determination of Sex, Using the Human Hip Bone”. *American Journal of Physical Anthropology*. 117(2): 157-168.
- BUCKBERRY, J. L. e CHAMBERLAIN, A. T. (2002) – “Age Estimation from the Auricular Surface of the *Ilium*: a revised method”. *American Journal of Physical Anthropology*. 119: 231-239.
- CÂMARA Municipal de Reguengos de Monsaraz (2006) – *Património: Igreja de Santiago Maior de Monsaraz* [<http://www.cm-reguengos-monsaraz.pt/outnov00/patrimonio.html>], acedido em 7-02-06]
- CAMPILLO, D. (2001) – *Introducción a la Paleopatología*. Barcelona: Edicions Bellaterra.
- CARDOSO, H. F. V. (2003-2004) – “Onde Estão as Crianças? Representatividade de esqueletos infantis em populações arqueológicas e implicações para a paleodemografia”. *Antropologia Portuguesa*. 20-21: 237-266.
- CASCÃO, R. (1993) – “Demografia e Sociedade”. In MATTOSO, J. (dir.). *História de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores. Vol. 5 (“O Liberalismo: 1807-1890”), pp. 225-439.
- CATARINO, H. (1987) – *Relatório Preliminar. UNIARCH - Unidade de Arqueologia, Centro de História da Universidade de Lisboa (Instituto Nacional de Investigação Científica)*. Lisboa: Faculdade de Letras [não publicado].
- CHAMBERLAIN, A. (2000) – “Problems and Prospects in Paleodemography”. In COX e MAYS 2000: 101-105.
- COX, M. (2000) – “Ageing Adults from the Skeleton”. In COX e MAYS 2000: 61-81.
- COX, M. e MAYS S. (2000) – *Human Osteology in Archaeology and Forensic Science*. London: Greenwich Medical Media.
- CUNHA, E. (1996) – “Viajar no Tempo Através dos Ossos: a investigação paleobiológica”. *Al-Madan*. IIª Série. 5: 131-141.
- CURATE, F. (2005) – *Pressentindo o Silêncio: a perda de osso relacionada com o envelhecimento na Coleção de Esqueletos Identificados do Museu Antropológico*. Tese de Mestrado em Evolução Humana. Coimbra: Departamento de Antropologia, Universidade de Coimbra [não publicado].
- DOMINGOS, A. R. (2004) – *Monsaraz Revisitado: contribuição para o estudo antropológico do material exumado na Igreja de Santiago*. Dissertação de Licenciatura em Antropologia. Coimbra: Departamento de Antropologia, Universidade de Coimbra [não publicado].
- DUARTE, C. (2007) – “Reflexos das Políticas de Saúde sobre as Tendências da Mortalidade Infantil no Brasil: revisão da literatura sobre a última década”. *Cadernos de Saúde Pública*. 23(7): 1511-1528.
- ESPANCA, T. (1978) – *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora*. Lisboa: Academia Nacional das Belas Artes. Vol. 9.
- FAZEKAS, I. G. e KÓSA, F. (1978) – *Forensic Fetal Osteology*. Budapest: Akadémiai Kiadó.
- FEREMBACH, D.; SCHWIDETZKY, I. e STLOUKAL, M. (1980) – “Recommendation for Age and Sex Diagnoses of Skeletons”. *Journal of Human Evolution*. 9 (7): 517-549.

- GONÇALVES, G. (2004) – *A Vida no Registo da Morte: contribuição para o estudo do espólio osteológico exumado da Igreja de Santiago de Monsaraz*. Dissertação de Licenciatura em Antropologia. Coimbra: Departamento de Antropologia, Universidade de Coimbra. [não publicado].
- GONÇALVES, G. e SANTOS, A. L. (2005) – “Retorno a Monsaraz: novo estudo antropológico de espólio exumado da Igreja de Santiago Maior”. *Al-Madan*. IIª Série. 13: 72-77.
- HENDERSON, J. (1987) – “Factors Determining the State of Preservation of Human Remains”. In BODDINGTON, A.; GARLAND, A. N. e JANAWAY, R. C. (eds.). *Death, Decay and Reconstruction: approaches to archaeology and forensic science*. Manchester: University Press, pp. 43-54.
- HERRMANN, B.; GRUPE, G.; HUMMEL, S.; PIEPENBRINK, H. e SCHUTKOWSKI, H. (1990) – *Prähistorische Anthropologie. Leitfaden der Feldund Labormethoden*. Berlin: Springer-Verlag.
- HILLSON, S. (1996) – *Dental Anthropology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- HILLSON, S. (2001) – “Recording Dental Caries in Archaeological Human Remains”. *International Journal of Osteoarchaeology*. 11(4): 249-289.
- HOPPA, R. D. (1996) – *Representativeness and Bias in Cemetery Samples: implications for paleodemographic reconstructions of past populations*. Doctoral Dissertation in Anthropology. Hamilton: McMaster University.
- IGARASHI, Y.; UESU, K.; WAKEBE, T. e KANAZAWA, E. (2005) – “New Method for Estimation of Adult Skeletal Age at Death from the Morphology of the Auricular Surface of the Ilium”. *American Journal of Physical Anthropology*. 128: 324-339.
- KROGMAN, W. e ISCAN, M. Y. (1986) – *The Human Skeleton in Forensic Medicine*. Springfield: Charles C. Thomas.
- LANGSJOEN, O. (1998) – “Diseases of the Dentition”. In AUFDERHEIDE, A. C. e RODRÍGUEZ-MARTÍN, C. *The Cambridge Encyclopedia of Human Paleopathology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- LARSEN, C. S. (2000) – *Skeletons in Our Closet: revealing our past through bioarchaeology*. New Jersey: Princeton University Press.
- LEWIS, M. (2000) – “Non-Adult Palaeopathology: current status and future potencial”. In COX e MAYS 2000: 39-57.
- LOVEJOY, C. O.; MEINDL, R. S.; PRYZBECK, T. R. e MENSFORTH, R. P. (1985) – “Chronological Metamorphosis of the Auricular Surface of the Ilium: a new method for the determination of adult skeletal age at death”. *American Journal of Physical Anthropology*. 68(1): 15-28.
- LUKACS, J. R. (1989) – “Dental Paleopathology: methods for reconstruction dietary patterns”. In ISCAN, M. Y. e KENNEDY, K. A. R. (eds.). *Reconstruction of Life from the Skeleton*. New York: Alan R. Liss, pp. 261-286.
- LUKACS, J. R. (1995) – “The ‘Caries Correcting Factor’: a new method of calibrating dental caries rates to compensate for ante-mortem loss of teeth”. *International Journal of Osteoarchaeology*. 5(2): 151-156.
- MACLAUGHLIN, S. M. (1990) – “Epiphyseal Fusion at the Sternal end of the Clavicle in a Modern Portuguese Skeletal Sample”. *Antropologia Portuguesa*. 8: 59-68.
- MAYS, S. (1998) – *The Archaeology of Human Bones*. London: Routledge.
- MAYS, S. e COX, M. (2000) – “Sex Determination in Skeletal Remains”. In COX e MAYS 2000: 117-130.
- MASSET, C. (1982) – *Estimation de l'Âge au Décès par les Sutures Crâniennes*. Thèse Doctorat en Sciences Naturelles. Paris: Université Paris VII [não publicado].
- MOORE, W. J. e CORBERT, M. E. (1975) – “Distribution of Dental Caries in Ancient British populations. III. The 17th century”. *Caries Research*. 9: 163-175.
- NEVES, V. N. L. P. (1998) – *Monsaraz: pérola alentejana. Monografia*. Évora.
- ORTNER, D. J. (2003) – *Identification of Pathological Conditions in Human Skeletal Remains*. Amsterdam: Academic Press.
- PERALTA, P. (2007) – *A História da Vida Contada Pelos Ossos: contribuição para o estudo da população de Monsaraz exumada da Igreja de Santiago Maior de Monsaraz*. Dissertação de Licenciatura em Antropologia. Coimbra: Departamento de Antropologia, Universidade de Coimbra. [não publicado].
- ROBERTS, C. e MANCHESTER, K. (1995) – *The Archaeology of Disease*. New York: Cornell University Press.
- ROBERTS, C. e MANCHESTER, K. (2005) – *The Archaeology of Disease*. Gloucestershire: Sutton Publishing.
- RODRIGUES, T. F. (1993) – “As Estruturas Populacionais: a força humana existente”. In MATTOSO, J. (dir.). *História de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores. Vol. 3 (“No Alvorecer da Modernidade: 1480-1620”), pp. 197-241.
- SANTOS, A. L. (1990a) – *Contribuição para o Estudo Antropológico dos Restos Humanos Exumados na Igreja de Santiago. Monsaraz. Investigação em Ciências Humanas*. Coimbra: Departamento de Antropologia, Universidade de Coimbra [não publicado].
- SANTOS, A. L. (1990b) – “Contribuição para o Estudo Antropológico dos Restos Humanos Exumados na Igreja Paroquial de Santiago Maior (Monsaraz, Évora)”. *Antropologia Portuguesa*. 8: 39-58.
- SANTOS, A. L. (1995) – *Certezas e Incertezas sobre a Idade à Morte*. Trabalho de Síntese, Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica. Coimbra: Departamento de Antropologia, Universidade de Coimbra [não publicado].
- SANTOS, P. C. (2007) – Comunicação pessoal.
- SAUNDERS, S. R. (2000) – “Subadult Skeletons and Growth-related Studies”. In KATZENBERG, M. A. e SAUNDERS, S. R. (eds.). *Biological Anthropology of the Human Skeleton*. New York: John Wiley & Sons Inc., pp. 135-161.
- SAUNDERS, S. R. e BARRANS, L. (1999) – “What Can Be Done About the Infant Category in Skeletal Samples?”. In HOPPA, R. D. e FITZGERALD, C. M. (eds.). *Human Growth in the Past: studies from the bones and teeth*. Cambridge: Cambridge University.
- SCHUEER, L. e BLACK, S. (2000) – *Developmental Juvenile Osteology*. London: Academic Press.
- SERRÃO, J. V. (1993) – “O Quadro Económico: configurações estruturais e tendências de evolução”. In MATTOSO, J. (dir.). *História de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores. Vol. 4 (“O Antigo Regime: 1620-1807”), pp. 71-117.
- SILVA, A. M. (1995) – “Sex Assessment Using the Calcaneus and Talus”. *Antropologia Portuguesa*. 13: 107-119.
- SILVA, A. M. (1998) – *Patologia Oral e Sinais de Stress. Guia para as aulas práticas de Paleodemografia*. Coimbra: Departamento de Antropologia, Universidade de Coimbra [não publicado].
- SMITH, B. H. (1984) – “Patterns of Molar Wear in Hunter-Gatherers and Agriculturalists”. *American Journal of Physical Anthropology*. 63(1): 39-84.
- STLOUKAL, M. e HANÁKOVÁ, H. (1978) – “Die Laenge der Laengsknochen Atslawischer Bevoelkerung: unter besondere beruecksichtigung von Wachstumsfragen”. *Homo*. 29(1): 53-69.
- SUNDICK, R. I. (1993) – “Human Skeletal Growth and Age Determination”. *Homo*. 29(4): 228-249.
- UBELAKER, D. (1989) – *Human Skeletal Remains: excavation, analysis, interpretation*. Washington: Taraxacum Washington.
- WASTERLAIN, R. S. N. (2000) – *Morphé: análise das proporções entre os membros, dimorfismo sexual e estatura de uma amostra da Coleção de Esqueletos Identificados do Museu Antropológico da Universidade de Coimbra*. Dissertação de Mestrado em Evolução Humana. Coimbra: Departamento de Antropologia, Universidade de Coimbra [não publicado].
- WASTERLAIN, R. S. N. (2006) – *“Males” da Boca. Estudo da patologia oral numa amostra das coleções osteológicas identificadas do Museu Antropológico da Universidade de Coimbra: finais do séc. XIX inícios do séc. XX*. Dissertação de doutoramento em Antropologia. Coimbra: Departamento de Antropologia, Universidade de Coimbra [não publicado].
- WEAVER, D. S. (1979) – “Application of the Likelihood Ratio Test to Age Estimation Using the Infant and Child Temporal Bone”. *American Journal of Physical Anthropology*. 50(2): 263-270.